

MINEIRAS DO LENA: NO FIO DA NAVALHA

José Manuel Brandão

Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora / Rede HetSci

josembrandao@gmail.com

Quando eclodiu a I Guerra Mundial, o país não estava preparado para responder de forma rápida às súbitas demandas de carvão, pois a exploração em solo nacional estava praticamente confinada às minas de S. Pedro da Cova e de Buarcos que, conformadas com um mercado pequeno, dominado pelos carvões ingleses de melhor qualidade e preço, tinham os trabalhos pouco desenvolvidos. Os pequenos jazigos como os do Vale do Lena (concelhos de Batalha e Porto de Mós) estavam há muito abandonados ou carentes de trabalhos de traçagem e preparação.

Finda a Guerra, alguns empresários associaram-se constituindo uma sociedade por quotas, para tentar garantir uma posição no mercado; contudo, sem grande capital a *Sociedade Mineira do Lena* não conseguiu superar os maiores obstáculos: a falta de transportes rápidos e baratos que permitissem rentabilizar os jazigos onde a lignite era de melhor qualidade, e a solução industrial para a extraída na Batalha, que não tinha fácil aceitação dadas as suas características tecnológicas.

Descapitalizada, cedeu as concessões e o património à *The Match and Tobacco Timber Supply*, que detinha uma importante posição no mercado nacional dos fósforos; todavia, para desenvolver o Couto Mineiro, esta recorreu a um grande empréstimo do Estado o qual, se lhe permitiu abrir em simultâneo diferentes frentes de negócio (minas, transporte ferroviário e termoelectricidade), também comprometeu seriamente a sua capacidade de desenvolvimento, que nem o mercado protecionismo estatal aos industriais e consumidores de carvão, nem os sucessivos perdões fiscais e outras estratégias financeiras conseguiu neutralizar.

Se no final dos anos vinte se viveu um período de relativo conforto, em que a empresa se afirmava com um ambicioso programa que incluía além do negócio dos fósforos, das madeiras, do caminho de ferro, o aproveitamento integral da lignites, já os anos trinta, pelo contrário, ficaram na memória pelas sucessivas crises financeiras e despedimentos, reflexos das sequelas da grande depressão e, sobretudo, de operações financeiras mal sucedidas.

Não obstante os tempos da II Guerra Mundial terem sido marcados por um significativo aumento da atividade extrativa e pelo reforço da produção da central elétrica de Porto de Mós construída pela concessionária das minas, com o fim do conflito, o passivo da empresa e a mudança dos rumos e políticas energéticas no contexto nacional e internacional, traçaram indelevelmente o destino da *Empresa Mineira do Lena*, a concessionária de então: espartilhada pelas dívidas ao Estado, oferecendo um carvão de inferior qualidade e acossada pelas hidroelétricas que lhe disputavam a Região Oeste – o seu tradicional espaço de influência -, o encerramento das minas e o desmantelamento do Couto Mineiro, com todas as consequências sociais e económicas tornaram-se inevitáveis.

Para trás ficaram anos de trabalho em que a falta de capital, as contingências da Natureza (estrutura tectónica dos jazigos e composição da lignite) e as estratégias de gestão tornaram o sonho de um verdadeiro desígnio de progresso industrial e social regional numa deriva, no fio da navalha.

Palavras-chave: carvão; Batalha; Porto de Mós; Couto Mineiro do Lena.